

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
CENTRO DE ESTUDOS MINEIROS  
GRUPO DE HISTÓRIA ORAL  
PROJETO INTEGRADO: “MEMÓRIA E HISTÓRIA: VISÕES DE MINAS”  
ENTREVISTADORES: PROF. MICHEL MARIE LE VEN  
APARECIDA MACIEL  
ÉRIKA DE FARIA  
ENTREVISTADO: JOSÉ DAZINHO GOMES PIMENTA  
LOCAL: BELO HORIZONTE  
DATA: 19/12/1995

Entrevista - fita 2 - lado A

**MV:** Dia 19 de dezembro de 1995. Continuação da entrevista com o Dazinho. Estão entrevistando a Cida, que começou outro dia, a Érika, sobrenome?

**EF:** De Faria.

**MV:** De Faria, que veio para reforçar a equipe, e o Michel, que comecei também no outro dia. Então acho que paramos mais ou menos no fim da infância, não é? Talvez a gente pudesse retomar essa parte, não é? Só no início. Gostaria que o senhor continuasse um pouco o que a gente estava conversando, um pouco sobre... sonhos de sua infância, não é? Como que ficou essa lembrança... O senhor falou que tem muito boas lembranças, não é? Apesar... o como a vida é difícil, não é? Então seria... é tão bom ouvir isso que talvez o senhor poderia retomar essa parte... as lembranças do seu pai, da sua mãe, não é? Porque de fato teve duas, não é?

**JD:** Bom, o meu pai, como eu já disse, era analfabeto, mas era um homem muito trabalhador e apesar das dificuldades que nós tínhamos para sobreviver, dificuldades econômicas para sobreviver, ele era um homem muito trabalhador e nós vivíamos do que plantávamos. Batata, banana, milho, feijão, mandioca... e... como eu já disse anteriormente, criava um porquinho e tinha umas galinhas que completava a ração alimentar que se não era muito... rica... nos nutrientes, era farta. É... nós não passávamos... fome nós não passávamos não.

**MV:** É... essa palavra “farta”, sempre lembro isso. O povo gosta de falar em fartura, não? Tinha fartura, não é? E hoje todo mundo fala que tem fome, não é?

**JD:** É, nós morávamos, como disse anteriormente, em uma cidade que não tinha estrada de rodagem. Então o produto da terra ficava na terra/

**MV:** /E produziam?

**JD:** E produzia porque as terras eram férteis e com um ciclo de chuvas... razoáveis... é... Porque não dizer bom? Então... o que plantava colhia, dava, colhia e isso dava assim... uma certa tranquilidade, não é? Na quantidade de comida que a gente consumia, não é?... Então era muito trabalhador e tudo quanto produzia era dividido com o fazendeiro e o que ficava lá em casa, vendia o estritamente necessário para comprar as coisas que faltavam, não é? O resto era consumido lá. A minha mãe... ela... especializou-se em fazer farinha, farinha de milho. Então... punha-se o milho de molho e... tinha um instrumento chamado monjolo... que triturava o milho... depois que ele já estava... mole... de ter ficado de molho, ele era triturado em um... um pilão... movido por um monjolo à água.

**MV:** A água tinha também com muita fartura?

**JD:** Com muita fartura. Então é... a minha mãe fazia farinha, ajudava na manutenção da casa com farinha que ela fazia e como o trabalho era todo feito dentro de casa, ela cumpria a função de dona-de-casa e nós quando não estávamos trabalhando na fazenda, estávamos ajudando a fazer farinha, buscando lenha para torrar a farinha, qualquer coisa, qualquer tipo de serviço.

**MV:** Ela vendia isso... a... a farinha então?

**JD:** Era por encomenda que fazia-se. É... ela recebia então pelo trabalho dela. As pessoas levavam o milho e a gente punha no monjolo, triturava e ela fazia a farinha e entregava. E recebia qualquer coisa que eu não sei, não me lembro quanto, pelo trabalho que ela fazia. Nós morávamos em uma casa chamada... que todo mundo hoje conhece por “pau-a-pique”.

**MV:** Fala um pouco da casa, da construção da casa.

**JD:** É... a casa de “pau-a-pique**Erro! Indicador não definido.**” era uma casa.../

**MV:** /Vocês que fizeram?

**JD:** É... nós mesmo que fizemos [risos]. A casa de “pau-a-pique**Erro! Indicador não definido.**” é construída... estruturada com quatro... quatro... paus de madeira... nobre... não é?, que tinha capacidade de demorar mais tempo para apodrecer, então ela era de braúna ou era de jacarandá, é... ou sucupira, as madeiras mais nobres e mais fortes... cedro.

**MV:** E tinha na região também?

**JD:** É... que tinha nas próprias fazendas, o trabalho era ir lá, escolher e derrubar e pegar os bois da fazenda para puxar para fazer. Então a casa tinha como estrutura principal os... os paus que delimitavam a área onde ia ser construída, normalmente quatro, se a casa fosse maior um pouquinho usava uns nos entremeios para... as vezes dobrava a necessidade da madeira, não é? Essa madeira de melhor qualidade. Então... fazia-se os... buracos, enterrava-se mais ou menos um metro de madeira no chão para poder sustentar a casa e o restante... o restante ficava para cima e a gente travava com varinhas.

**MV:** Furava então?

**JD:** Não/

**MV:** /não tinha prego?

**JD:** Não, era amarrado com cipó, amarrava com cipó as varas nos troncos já erguidos e deixando uma distância... deixando uma distância de mais ou menos quinze a vinte centímetros entre uma varinha e outra em altura e as varinhas eram colocadas uma por dentro e outra por fora para poder depois encher de barro, aqueles meios que ficavam nos fazíamos barro e punha barro ali, de jeito que a casa era feita toda de madeira e barro, por cima, lá na nossa região era coberta com taquara. É... buscava... pegava taquara no mato, rachava ao meio, é... e batia com... com um martelo de madeira mesmo e batia-se nela toda, quebrando, de jeito que ela ficava bem estilhaçada, depois lá em cima, lá em cima colocava três, quatro camadas, porque elas eram rachadas penetrava água, colocando três, quatro camadas, uma passava para a outra, para outra, para outra e acabava saindo lá embaixo. As vezes ficavam algumas goteiras dentro da casa, mas não era coisa significativa que pudesse atrapalhar a casa não e como não tinha forro e... e tinha um espaço entre a beirada da parede e a... a... a coberta, então era ventilada através das portas, janelas e dessas entradas laterais, em cima, entre a madeira de suporte da parede e a madeira de suporte do... do... chamado telhado. Naquele... não era telhado, então não

era de telha, não é? Mas era coberto com... coberto com taquara ou então coberto com capim, chamado sapé.

**MV:** Vinha alguém é... especialista, tipo pedreiro ou carpinteiro ou o povo em geral sabia fazer essas coisas?

**JD:** O povo em geral sabia fazer.

**MV:** Seu pai sabia fazer.

**JD:** Sabia mas utilizava, utilizou lá mão-de-obra mais especializada, porque apesar dele saber não era profissional disso, então tinha algumas coisas que necessitava, por exemplo, levantar... a madeira no prumo certo, não é? O nível em cima...

**MV:** Tinha essas ferramentas também? Nível, prumo...?

**JD:** Tinha. E os especialistas nisso ocuparam desta parte. Agora, a parte mais... menos... especializadas, como fazer o barro, amarrar as varas nas estruturas, fazer o barro, barrear, essas coisas todas nós fazíamos, não é?

**AM:** Essa taquara era feita de bambu?

**JD:** Taquara é uma espécie de bambu.

**MV:** É o bambu verde? Bambu verde?

**JD:** É, ela é da família do bambu mas não é bambu, é muito mais. Ela é muito mais forte e... ela é... mais fina também, uma textura mais fina, mas muito resistente e era com que eles faziam os balaios para transportar as coisas, não é?

**MV:** As janelas eram de... de... madeira, não é?

**JD:** //De madeira. E a novidade é que lá não se usava fechadura. Todo mundo tinha uma tranca que fechava por fora mesmo. Por exemplo, se a gente saía para ir para qualquer lugar, ainda que fosse para demorar dias, era só passar, quer dizer, podia entrar lá quem quisesse, ninguém entrava, pelo menos naquela ocasião, ninguém entrava, mas não se vê... fechava-se por conta de galinha, porco, cachorro e tal, mas não por causa de gente. A casa nunca era fechada.

**MV:** Então... o... hoje se diz que são essas casas de pau-a-pique que são é... o lugar de sobrevivência da... da...

**JD:** //da chagas.

**MV:** //É...

**JD:** Lá na nossa região/

**MV:** Você se lembra... lembra da... a saúde como é que era? Se falava da doença de chagas, se falava de... havia alguma doença?

**JD:** Na nossa região não tinha.

**MV:** Não tinha?

**JD:** Não. Então, neste tipo de doença, nunca ouvi falar por lá. É possível que as vezes tivesse e como os meios de comunicação eram muito precários e a própria divulgação da doença, nós não tínhamos médico lá, só tinha um farmacêutico prático, é possível que tivesse e que alguém até morresse disto e a gente nem sabia. Mas eu tenho impressão que não, porque depois, quando eu vim de lá e que é... já tinha um outro tipo de informação e que já sabia de muitas coisas, toda vida que fui lá, eu nunca ouvi falar em doença de chagas não.

**MV:** É porque dizem que o bicho da... Como é que chama mesmo? A...

**JD:** O barbeiro.

**MV:** O barbeiro, ele tem o *habitat* natural na... na...

**JD:** Nas casas de pau-a-pique.

**MV:** Não, isso é consequência do... do... quando ele não acha mais o lugar dele é que ele procura a... as casas. Inclusive na periferia de Belo Horizonte apareceu porque não há mais... ele vai e procura algum lugar. Então era uma vida saudável?

**JD:** Muito saudável. Os tipos de doenças que tinham lá, era muito... muito... esses, essas doenças mais comuns, como apêndice, apendicite, é... é... sei lá... eu não me lembro muito bem não. Mas tinha uma doença que eu não sei porque não que eles chamavam de nó nas tripas, não sei o que é bem não! Mas é... normalmente o pessoal lá morria de velho.

**MV:** Sua mãe tinha remédios ou havia remédios caseiros**Erro! Indicador não definido.** no caso de... sei lá... gripe...

**JD:** Tinha, por exemplo, lá nos nossos lados lá, usava muito assapeixe... é... para doenças de gripe usava muito assapeixe... o... manjerição... é... manjerição... Qual é o outro? Deixe-me lembrar. Malva e usava muito dar purgante. Toda... todo mês ou quase sempre, sei lá,

de tempos em tempos a mãe da gente dava uns purgantes muito ruim e tudo, não sei nem para que era não.

**MV:** Mas todo menino tem verme, não é?

**JD:** É teve ser... e esse purgante normalmente era feito na base de óleo de mamona, azeite de mamona.

**MV:** Eu tomava era óleo de/

**JD:** /Rícino.

**MV:** de fígado de/

**JD:** /bacalhau.

**MV:** De baleia, não é? Ou então de bacalhau também.

**JD:** Isso lá na minha terra também tinha, mas isso era menos procurado porque custava caro, não é? Então...

**MV:** Mas e a mobília da casa, você se lembra?

**JD:** Lembro. Era normalmente um banco ou alguns bancos, dependendo da... capacidade/

**MV:** /Era dividido assim... cozinha, sala/

**JD:** /Era, sala, quarto, tudo dividido./

**MV:** Interessante, toda casa do interior tem a cozinha, o lugar para receber e depois os quartos.

**JD:** É, a cozinha/

**MV:** //uma varandinha.

**JD:** É. Nós não tínhamos varanda não. Nós tínhamos uma cozinha muito grande onde normalmente recebíamos as pessoas. Porque é onde a mãe ficava, não é? Onde fazia... o pessoal da roça é muito agradável, gosta muito de agradar. Então fazia os biscoitos, fazia o café, normalmente esperava para almoçar, depois jantar, na casa onde ia não é? Então o pessoal era muito assim...

**AM:** Mineiro tem esse hábito, não é? Se for para a cozinha, é porque é seu amigo.

**JD:** É, isso é verdade.

**AM:** Não é?

**JD:** É, a cozinha é o lugar mais íntimo da casa, não é o quarto, é a cozinha.

**AM:** //A cozinha.

**JD:** É onde as pessoas se reúne ali, ali...

**MV:** Tem o fogo.

**JD:** O fogo, não é?, e tudo, que é um meio... eu acho que o fogo, lá na roça principalmente, é um meio de comunicação muito violento mesmo, todo lugar faz-se fogo ou no meio da casa ou no terreiro, reúne-se ali, senta ali ao redor do fogo para conversar, não é? Lá em casa era assim. [pausa]

**MV:** Essas casas mais modernas, com o rádio e tudo isso foi bem depois, não é?

**JD:** Isso foi depois.

**MV:** Bem depois?

**JD:** Bem depois, quando... eu lembro que eu ouvi falar que chegou um tal de... um tal de rádio lá, já lá para 1900... que eu ouvi falar que chegou lá eu já não estava mais lá, foi em 1940 por aí assim, eu já não estava mais lá.

**AM:** Vocês não ouviam a hora do rádio, a hora da fala do Getúlio lá?

**JD:** Não, nós não... nunca... nem sabia o que era Getúlio.

**MV:** Em 30, você estava.../

**JD:** Olha, eu em 30 estava lá.

**MV:** //em 37 você estava em Belo Horizonte?

**JD:** É, em 34... [Este meu filho!]

**MV/AM:** //Tudo bom?

**JD:** Em 34 é que eu vim para cá.

**MV:** Outra pergunta. Essa maneira de fazer a casa, outro dia eu comentei o livro de Sérgio Buarque, não é? Chamado “Caminhos e Fronteiras”, que os índios que ensinaram como viver no Brasil, não é? Tinha índios nesta região? Ou se falava...

**JD:** Não. Na nossa região lá, está um pouco distante dos índios... lá e não se tocava neste assunto não, o que se sabia disso era através da escola, dos livros da escola.

**MV:** Já então... não havia... memória.

**JD:** Não. O que nós conhecíamos do índio era através da história.

**MV:** Outro dia você falou de seu pai... só para terminar, achei importante, é... você tem um grande respeito pelo pai e... mas em uma hora você falou que você achava que ele era um pouco... não sei se você usou a palavra servil... como que, não se trata de julgar as pessoas evidente, mas como que um homem trabalhador, pai de tantos filhos, bem casado, não é? Como que acaba se sujeitando... ele pagava toda... a meia... e ainda tinha que... porque a servilidade **Erro! Indicador não definido.** é um pouco abaixar a cabeça, ou não é?

**JD:** É. E o meu pai era realmente. Agora, eu tenho a impressão que o problema era cultural da região, porque eram todos assim. Um ou outro, muito pouca gente se rebelava... contra... os donos da terra, não é? Eu lembro em uma ocasião... é... você me perguntou ou, em um momento atrás, na outra entrevista, se eu era um bom menino [riso], e eu acho que não fui bom nada, eu era bem danado, não é? Em uma ocasião, tinha um senhor lá, um fazendeiro, é... ele juntou lá... a boiada dele e ia com ela rua abaixo e eu tinha ido soltar um cavalo para um homem lá em um pasto bem mais longe e estava chovendo e eu fui com um guarda-chuva, a chuva parou e eu fechei o guarda-chuva e ele vem tocando os bezerros dele, o gado dele em um lugar muito aberto e eu esperei, quando o gado chegou bem perto de mim e eu abri o guarda chuva de uma vez bem em cima do gado. O gado espalhou todo e deu uma mão-de-obra danada [risos] para o homem e tal e tal. Ele foi e xingou muito e tal e tal e perguntou um sujeito lá: - “*Que menino é esse?*” - “*Ah, é do Zé Faustino.*” Aí no domingo ele contou para o papai. Mas na hora ele falou comigo assim: - “*Quanto você quer por sua graça?*” Eu falei com ele: - “*Ah, não precisa de pagar não, pode ficar dado mesmo*” [riso]. E o pessoal que estava lá na porta da venda riu muito da resposta, não é?, e tudo. Então ele ficou com muita raiva e contou para o papai, não é? E o papai foi para me bater. Aí o pessoal que tinha visto a conversa lá, não é? - “*Ah, seu Zé Faustino, não bate no menino não.*” O menino deu ele uma resposta, ele ficou com raiva porque o menino deu ele uma resposta boa e tal. Então ele foi e ficou com raiva [risos], mas isso é coisa de menino mesmo e tal e tal. Mas o papai xingou em casa e me passou



uma descompostura muito grande, por conta de uma brincadeira [tosse] e assim era, com todas as coisas que se dizia aos tais donos da terra lá, não é? Mas todo mundo era assim mesmo.

**MV:** Quer dizer... A década de 20, foi também a Coluna Prestes, começou o invento no campo, não é?

**JD:** É... pois é, mas isso nos lugares onde tinha já algum desenvolvimento... por lá até hoje não chegou a Coluna Prestes [risos]. Falar... é... fazendo mais uma gozação, é capaz de não ter chegado lá que o Getúlio morreu. [risos]

**MV:** Você voltou lá uma vez, não é?

**JD:** Não, voltei muitas, não é? Enquanto o papai foi vivo, todo ano, nas férias eu ia até lá.

**MV:** Mas ia até sua casa onde você...?

**JD:** Ia... ia. Durante o tempo que ele morou nesta fazenda eu ia e ficava lá com ele, não é?, e tudo e tal e tal.

**MV:** E já você mineiro e... já Dazinho/

**JD:** //ia, isso...

**MV:** Você devia provocar um escândalo lá, não é?

**JD:** Não, até que não provocava muito não porque eles... só depois que eu fui eleito, aí provocou. Quando eu fui eleito deputado provocou um escândalo danado lá.

**MV:** Filho do Zé/

**JD:** É, é... a senhora que eu morei uns tempos com ela ainda me ofereceu um jantar público lá e... Nossa Senhora! Criou mesmo um... problema meio sério lá. Mas... eles foram acostumando depois, tanto é que alguns deles até de vez em quando acabava me procurando para resolver problemas deles aí, não é?

**MV :** Mas aí você estava por cima. [riso]

**AM:** Mas na sua infância você não escutava ninguém conversar sobre política, ninguém falava...

**JD:** Falava muito.

**AM:** Conversavam sobre política?

**JD:** Mas só os donos da política, só os que dominavam, não é?

**AM:** Ah... sim.

**JD:** O resto do pessoal não. Nós outros... não sabíamos de nada, não tínhamos conhecimento de nada.

**AM:** Nada que tenha marcado?

**JD:** Não, em política não. Só os assassinatos. [risos]

**MV:** Não havia é... jagunços?

**JD:** Não... não.

**MV:** Nem muito menos cangaceiros/

**JD:** /Não, isso era/

**MV:** Então era uma sociedade muito organizada.

**JD:** Era... muito organizada e/

**MV:** /Cada um no seu lugar.

**JD:** Justamente, o pessoal... como o pessoal era muito servil, estava sempre de cabeça baixa, então não havia... não havia... nenhuma represália, nem nada disso, não é? E se votava lá, as pessoas que votavam, votavam de acordo com... com o dono da terra onde ele morava.

**MV:** Seu pai votava/

**JD:** Não, ele era analfabeto, não é?

**MV:** Ah, isso era rigoroso.

**JD:** Ah, era, porque eles já tinha dificuldades com os que já votavam lá, não é? Por exemplo... o... João Coelho, tinha o pessoal dele, ele já tinha que ter cuidado deles e se ele ainda fosse cuidar do pessoal analfabeto ou não dava não.

**MV:** Os grandes... os sobrenomes dos grandes da região, você falou dos Pimentas...

**JD:** Não... os... mas lá na minha terra os donos lá era os Coelhos e quem não era Coelho era couve, comida de coelho.

**MV/EF:** [risos]

**JD:** Eu era couve.

**MV:** Coelho tem muito na região de Governador Valadares.

**JD:** É, eram todos, todos eram daquela região e todos foram de lá da minha terra para lá, os coelhos de governador Valadares todos de Virginópolis que foram... Virginópolis, Guanhões e aqueles lugares/

**MV:** Eles estão em Belo Horizonte agora, não é?

**JD:** Agora tem muitos.

**MV:** Até na política eles... é... não sei...

**AM:** Tinha na... na... nessas... vocês faziam uma comunidade em cada fazenda, não é? Tinha escola dentro das fazendas? E quem mantinha essas escolas?

**JD:** Não tinha.

**AM:** Não tinha.

**JD:** Escola só tinha estadual.

**MV:** //Do Estado.

**JD:** //dentro da... rua, dentro da cidade, então quem morava três... três, quatro léguas ou ia na escola a pé ou não ia... nós por exemplo íamos.

**AM:** Para ir tinha que andar três, quatro léguas?

**JD:** É...

**MV:** Léguas são seis quilômetros.

**JD:** //Seis quilômetros por légua.

**MV:** O que um cavalo anda em uma hora, não é? Então seria... quantas léguas?

**JD:** Três léguas.

**MV:** Três horas então à cavalo.

**JD:** //à cavalo, mas nós íamos é a pé, embora era muito comum mais tempo, bem mais tempo. Nós saíamos de casa por exemplo é... oito horas assim e costumava chegar na escola atrasado, ia correndo.

**MV:** E voltava também?

**JD:** E voltava também, chegava em casa de noite.

**AM:** De noite já, não é?

**MV:** Quais, quais eram os ritos em casa durante o dia? Almoço, por exemplo, era nove horas.

**JD:** //é, no tempo da escola...

**MV:** //Isso para nós é estranho.

**JD:** É, no tempo da escola/

**MV:** /Levantava a que horas?

**JD:** A gente levantava ainda não tinha clareado ainda não, não é?, e o almoço... tomava café normalmente, a mãe fazia um mexido, um resto de comida que sobrava e se não sobrava tinha que fazer uma comida para comer de manhã/

**MV:**/Comida forte, assim na hora de levantar?

**JD:** É... Feijão, torresmo, uns troço assim.

**AM:** Farinha.

**JD:** Farinha para poder ir para o serviço. Quando era oito e meia, nove horas o almoço, meio-dia vinha o café e duas horas da tarde a janta e de noite comia o que tinha.

**MV:** De duas... de duas em diante o que é que fazia em casa?

**JD:** Uai... as donas de casa...?

**MV:** É, e o pai os homens?

**JD:** Uai, os homens estavam na roça trabalhando.

**MV:** E voltavam depois da janta.

**JD:** Só voltavam depois de... só voltavam de noite... e aí tinha um...

**MV:** Isso dava um dia muito longo, não é?

**JD:** É, além de dar um dia muito longo tem que comer muitas vezes. Por que se não/

**AM:** /Vocês dormiam cedo, não é?

**JD:** Ah, é!

**AM:** Sete e meia, oito horas no máximo.

**JD:** Não, escurecia, ia dormir.

**AM:** Ia dormir.

**MV:** É... na região lá... não era uma região de... igual lá no nordeste, não é? de... a palavra me escapa agora... de rede... era cama mesmo, não é?

**JD:** Era cama mesmo, não é? Era feita... fincava quatro estacas no chão com gancho e buscava outras varas e estendia assim, não é?, e fazia colchão de palha, fazia/

**MV:** Feito em casa?

**JD:** É, fazia a capa e enfiava a palha ali dentro e fazia colchão de palha.

**FIM DO LADO A DA FITA 2**

Entrevista - fita 2 - lado B

**JD:** Não, a questão de levantar cedo e a questão de trabalhar mesmo.

**MV:** Trabalhar mesmo, não é?

**JD:** Agora não, agora existem horários lá e tudo, agora depois, agora já, de horário e tudo mas naquele tempo não, a gente teria que chegar no serviço antes do sol nascer.

**MV:** /antes do sol nascer?

**JD:** É, e sair depois que o sol entrar.

**MV:** Gente, então são 12 horas de... de trabalho... trabalho efetivo.

**JD:** De trabalho efetivo e não tinha hora de almoço também não, acabava de almoçar, ia acabando de almoçar e pegava de novo.

**AM:** Com relação a essa questão do frio, era muito comum nessa época os irmãos dormirem... você me disse que era muitos irmãos, não é?

**JD:** É.

**AM:** Era muito comum eles dormirem juntos para um aquecer o outro, não é?

**JD:** Não, não, pode ser que até//

**AM:** //além disso...

**JD:** /pode ser que até seja, o motivo fosse isso mas é... um outro motivo é a falta... apesar de... do terreno ser grande e tudo, o custo da construção era grande, então não tinha como estender. Lá em casa a cozinha era grande e todo... na ocasião de frio, acendia-se um fogo no meio da cozinha e a noite inteira fica...

**MV:** E dormiam lá?

**JD:** É, e de vez em quando a mãe ou pai ia lá e reavivava o fogo para poder diminuir um pouco o frio dentro da casa, não é?

**MV:** Vocês dormiam sobre esteiras então?

**JD:** Não, era colchão de palha.

**MV:** Sim, mas lá na cozinha quando vocês/

**JD:** Não, era nos quartos e o fogo no meio da cozinha, que de certa forma irradiava um certo calor para a casa inteira, não é? Depois que fechava as portas e as janelas, apesar das aberturas que tinha, mas não chegava a... a... absorver todo o calor, o calor era distribuído na casa, não é?

**AM:** E daqueles irmãos que o senhor citou os nomes, com quem que o senhor dormia? Com qual irmão?

**JD:** Eu não dormia com nenhum, porque as minhas irmãs que morava lá em casa conosco era mulheres, não é? E os dois irmãos moravam com a minha avó.

**MV:** Então de fato vocês... do tempo que você lembra, quantos de vocês ficavam em casa?

**JD:** Nós éramos... eu e mais as três meninas mais velhas, depois nasceu mais uma, quatro. Nós éramos cinco.

**MV:** Então não era tanta gente então.

**JD:** Não, não era tanto.

**MV:** Porque já a família tinha dispersado bastante então?

**JD:** Não. É porque os meninos que minha mãe levou, os três que ela levou, a moça e os dois rapazes, moravam com a minha avó na rua por conta da escola. Nós éramos menores e morava com o papai e a mamãe lá na roça.

**MV:** Então depois que vieram outros irmãos?

**JD:** Mas só depois que minha mãe morreu e o meu pai casou com a outra, com a outra, não é?

**MV:** Ah, tá.

**JD:** Aí que aumentou o número.

**AM:** Mas aí o senhor já tinha saído?

**JD:** Eu já tinha saído.

**MV:** Você já não estava mais lá, não é?

**JD:** As meninas ainda ficaram lá um tempo antes de sair, mas eu já tinha saído.

**EF:** E as comemorações? Vocês comemoravam festas de aniversário, essas coisas, ou não?

**JD:** Não.

**EF:** Não tinha participação de festa religiosa, ou não?

**JD:** Religiosa, na Semana Santa.

**EF:** E como é que era?

**JD:** Bom/

**EF:** Vocês iam.../

**JD:** Íamos... a cidade, não é?, onde estava sendo realizada as festas, e como eu já disse anteriormente, em uma outra entrevista. Na ocasião tinha missões. Então toda noite tinha pregações... não... não íamos toda noite não, mas as vezes íamos. Então... depois... antes e depois da pregação tinha é... fogueira e leilões, barraquinhas.

**AM:** Tinha aquela coisa de roupa de ver Deus, roupa de domingo?

**JD:** Ah, isso tinha.

**AM:** Tinha, não é? Saia todo mundo domingo de manhã/

**JD:** /com a melhor roupa que tivesse. Isso tinha.

**AM:** Para ir ver Deus.

**JD:** É.

**MV:** Usava andar descalço também ou isso/

**JD:** /Só descalço.

**MV:** Só descalço.

**JD:** É.

**MV:** Mas não ia na igreja descalço? Então isso era o hábito?

**JD:** O hábito era descalço... eu por exemplo quando vim a por um sapato no pé tinha uns 16 anos.

**MV:** Sandália ou uma coisa assim?

**JD:** Nada disso... Lavava os pés na hora de deitar.

**MV:** De onde vem esse hábito de lavar o pé... a noite... não tem isso... o banho por exemplo não tomava o banho como toma banho hoje?



**JD:** Bom... usava-se muito tomar banho assim de corpo inteiro só sábado, mas levava... ia debaixo da bica onde caia água não é?

**MV:** Porque caia naturalmente?

**JD:** É, lavava pescoço, as axilas e os pés e de noite para ir deitar, então tornava a lavar os pés na água morna. Acho que aí era mais para esquentar um pouco mais os pés.

**MV:** Também, não é? Também...

**AM:** Como é que foi essa mudança do senhor... essa... essa... Sua saída do meio... do seu meio familiar para essa outra casa de família que o senhor foi morar? Como é que se deu essa passagem?

**JD:** Quando a minha mãe estava para morrer, ela ficou uns três ou quatro dias meio agonizante e tudo. E ela tinha muita preocupação com esse negócio de ficar eu e as meninas dentro de casa. Papai ia trabalhar e tudo. Então ela mandou pedir essa senhora para dar uma chegadinha lá, quando ela estava para morrer e pediu ela que ficasse comigo e ela foi e aceitou.

**AM:** O senhor tinha quantos anos?

**JD:** Ah, eu devia ter... uns... dez ou onze anos, sei lá, por aí a fora, porque eu fiquei lá mais ou menos um ano. Depois eu vim para cá, não é? Já vim para cá entre 11 e 12, foi mais ou menos por essa época aí. Então essa dona tinha quatro filhos, dois homens e duas mulheres, que estudavam fora, porque lá não tinha colégio, não é? Então eles estudavam... em Conceição do Serro, se não me engano.

**MV:** Em cidades maiores?

**JD:** É, no Serro e tal. Então morava lá, morava e servia de menino de recado, não é?

**MV:** Tinha que pagar alguma coisa para eles...?

**JD:** É, compensar também, não é?

**MV:** Compensar?

**JD:** A minha ficada lá.

**MV:** Diminuía a imagem da mãe, você se sentia frustrado?

**JD:** Não, a minha mãe morreu, não é? Não cheguei a perceber isso não.

**MV:** Ah, tá. Ah, bom. Havia amor materno, os pais eram mais distantes?

**JD:** Muito mais distantes, mas as mães também eram, eram por conta das dificuldades que tinha, não é? Muitos filhos, muito serviço.

**MV:** Não conversavam muito questões pessoais?

**JD:** Não conversava é nada.

**MV:** Nada?

**AM:** Como é que era efetivada essa forma de pagamento para essa outra família? Era de alimentação ou...

**MV:** Era mantimentos? Como é que vocês pagavam a... o seu pai, por exemplo, compensava essa família que te recebia?

**JD:** Não houve nada não, não houve compensação nenhuma. Eu trabalhava lá, fazia tudo que eles precisava que fizesse e ficava elas por elas.

**MV:** Foi um bom tempo para você?

**JD:** Olha, não foi mal não, porque era uma outra vida. Eu morava na roça, eu vivia na roça e vim para a cidade, fui morar na cidade, então era tudo novo para mim e tudo, não é?

**AM:** Não tinha nenhuma relação com a sua família? Essa senhora? Era só conhecida mesmo?

**JD:** Ela era professora lá, não é?

**AM:** Ah, sim!

**JD:** O único vínculo é que ela era também minha professorinha.

**MV:** Mas foi também uma grande mudança, de morar na casa da professora.

**JD:** É.

**AM:** O senhor sentida algum tipo de carinho vindo da parte da família ou era uma coisa/

**JD:** É. Da parte da professora havia um certo... uma certa... [pausa] uma certa afinidade, acho que por se mãe também, não é? Agora, por parte do homem não. Ele era muito assim severo, não é? Muito bravo, não é? Qualquer coisa gritava e tal e tal. Mas não foi assim um carrasco não, não é? Mas era mais ou menos da natureza dele, ele era mesmo... mesmo grosseirão com todo mundo, não é?

**AM:** Inclusive com os filhos mesmo?

**JD:** Inclusive com os filhos as vezes...

**MV:** Essa falta de comunicação na família, não é?, talvez tinha a ver com... na sociedade também não se... as coisas/

**JD:** /Não, era muito difícil. As coisas eram tratadas abertamente em nível comercial, quando havia interesses

**MV:** /negócios...

**JD:** Negócios, ou tudo, mas tirando daí era realmente uma sociedade muito fechada.

**MV:** E contar histórias... tem uma região que eu conheço perto do Triângulo, Alto do Paranaíba, que eles usam muito a palavra prostrar... então à noite eles se reúnem na cozinha, perto do fogo, não é?, como você falou e contam histórias de um que viajou, de outro que fez isso. Lá havia também essas rodas assim, dos homens contarem casos, o “causos”, como eles dizem aí era também muito fechado?

**JD:** Era fechado mas neste caso às vezes... mas era também... também... distinto. Cada... cada grupo social, não é? é... se reunia para conversar, o grupo social é... era também separado, por exemplo: no... no... se os fazendeiros, os comerciantes estivessem comprando qualquer coisa assim, tal, tal, o pessoal da... o pessoal assim... social mais baixo, nem chegava perto.

**MV:** E a língua... a língua falada, não é?, era o português é... era uma língua comum ou cada grupo tinha... Você usou uma expressão, “sua graça”, não é? Isso era comum? Porque era uma expressão muito fina em certo sentido, não é? Ou é distante ao mesmo tempo, não sei. É difícil, mas a fala, a língua é também, condiciona a comunicação, não é?

**JD:** Sim, mas lá, quanto a isso, não tinha novidade nenhuma não.

**MV:** Talvez a gente pudesse passar a sua chegada no João Pinheiro **Erro! Indicador não definido.**, não é? Mas a infância sempre vai voltar porque de tudo começa ou não é? Mas você poderia contar a vida no reformatório, como você falou, foi crescendo... afinal você teve uma infância na... na roça e depois comum e depois foi morar na casa da professora. você foi quase um predestinado, não é? Havia alguma diferença com os outros meninos, não é?

**JD:** Do Instituto?

**MV:** Não, para você ter morado na casa da professora, ter sido escolhido para ter ido estudar na cidade grande.

**JD:** Ah, sim.

**AM:** É, como se deu esse processo de você vir para cá? Por que que você veio? Na época qual era a...?

**JD:** Bom, eu falei sobre isso na vez passada. Eles acharam que lá eu estaria... desassociado de qualquer coisa, não tinha emprego **Erro! Indicador não definido.**, tinha condições nenhuma ou voltaria para a roça e iria trabalhar lá na roça, não é?, que era o lugar que todo mundo na minha idade é... então, eu já não era mais um prestador de serviços é... ajudando o pai lá na coisa, mas seria um trabalhador normal lá na roça, não é? Ia plantar, capinar, fazer os serviços, tirar leite, fazer os serviços lá da fazenda e essa senhora, essa minha professora, acho que percebeu isso muito claramente, ela era muito lúcida, não é?, já tinha morado aqui em Belo Horizonte também e tudo. Acho que ela percebeu isso e ao invés de retornar a origem, ela resolveu a me encaminhar para cá, achando que eu poderia desenvolver.

**MV:** A decisão foi dela? Não foi de seu pai então.

**JD:** A decisão foi dela, eu acho que... eu tenho a impressão que ela deve ter consultado meu pai, não fiquei sabendo disso ou se fiquei já esqueci. O certo é que ela me fez escrever uma carta... e eu demorei três semanas... para melhorar a letra e escrever o ofício ao então, então Secretário da Agricultura, que eu ainda lembro ainda hoje, era um tal de doutor Noraldino de Lima... é... para ele arrumar a vaga aí no... porque o Instituto era ligado a Secretaria de Agricultura, não é? Então fiz este ofício e ela deve ter recebido a resposta favorável porque em um determinado dia ela falou: - *“Olha, você vai para Belo Horizonte e tal, tal”* e começou a arrumar as coisas que eu tinha e meu pai veio me trazer até na metade do caminho, que é onde ia o carro do correio e chegou nessa metade do caminho, vinha a cavalo com meu pai e nessa metade do caminho ele me deixou em uma pensão lá para o dia que o carro do correio viesse, fosse levar o correio.

**MV:** Mas foi uma ruptura muito grande na sua vida, não é?

**JD:** Foi, de medo inclusive, não é?, essa... romper... com um *status*, não é?, até de certa forma eu tinha muita segurança, tinha comida, tinha casa para morar e vinha para um lugar que não tinha nenhuma referência.

**MV:** Sem parentes, sem/

**JD:** Sem parentes, sem nada, não é? e... cheguei, fui deixado... na porta do correio.

**MV:** Ninguém... do Instituto João Pinheiro **Erro! Indicador não definido. Erro! Indicador não definido.?**

**JD:** Não. Na cidade... que naquela ocasião Belo Horizonte não era tão grande, mas era o mundo em vista do meu torrão lá, não é?, e... eu trouxe uma carta de referência para uma determinada pessoa, tinha o endereço, mas como achar? [tosse] eu encontrei um senhor, conversei com ele e expliquei... o que estava acontecendo, ele foi e se prontificou em me levar lá no endereço de referência. Então, a pessoa me recebeu e me encaminhou lá para o Instituto e eu me apresentei lá e... acho que tinha uns trezentos meninos, não é? [risos] e aí foi outro susto. É... lá na minha terra, naquela ocasião, não tinha muito mais que trezentas pessoas não [risos] e então cheguei lá, lá tinha sete pavilhões nesta ocasião, cada pavilhão acho que tinha... sessenta meninos, uma coisa assim... eles me encaminharam para um deles... cheguei lá acho que depois do almoço, se me lembro bem, mas o certo é que naquele dia não fiz nada não. No outro dia pela manhã... a gente ia para as lavouras lá, não é? Tinha hortas, hortaliças lá, tinha criação de porcos e tinha... umas vacas lá e tal, animais de sela. Então tudo aquilo era trabalho que nós tínhamos que fazer, não é? Aí fui encaminhado junto com os outros meninos e comecei a trabalhar lá, agora não foi muito difícil, também menino tudo é fácil, então acabei e com pouco tempo já estava adaptado... a... trabalho não era problema para mim, trabalhei desde pequenininho, então trabalho não era, mas as outras atividades era, por exemplo é... atividade escolar, não é?, os lazeres, tinha campo de futebol e tudo.

**MV:** Já se jogava bola, não é?

**JD:** Já, mas eu nunca tinha, nunca tinha pego uma... uma bola, por minha mão em uma bola eu nunca tinha posto... e... não me adaptei muito aquele tipo de lazer não, ficava mais encostado, não é?, mas gostava muito do trabalho. O horário de trabalho para mim era o melhor deles todos.

**MV:** O trabalho escolar também?

**JD:** Não.

**MV:** O trabalho na... na...

**JD:** Na roça.

**MV:** //na roça. Talvez foi... de um lado a professora foi inteligente, não é? Seguiu o mesmo caminho teoricamente, não é? E a sociedade era mais voltada para trabalhos no campo?

**JD:** Era.

**MV:** Porque João Pinheiro**Erro! Indicador não definido.** foi o grande pioneiro... da... ele viu que Minas tinha que ter uma agricultura moderna, com aprendizagem, com... provavelmente o nome da escola vem... é do João Pinheiro, não é?

**JD:** É, justamente. Então em um instantinho eu me adaptei lá e tudo, fiquei lá... acho que uns três ou quatro anos.

**MV:** Você já entrou em um ciclo regular... do primário?

**JD:** Não, eu já vim/

**MV:** Você já veio com o primário completo?

**JD:** Não, eu vim com o terceiro ano e lá eles fizeram um teste e me deixaram no terceiro ano mesmo e tal e eu não passei daquilo não.

**MV:** Como... não...?

**JD:** Não sei o que aconteceu não. Eu sei é que eu fiquei ali no terceiro ano mesmo e... fiquei muito mais... ligado ao trabalho lá das... hortas, o trabalho de... mexer com o gado, com porco, com os animais. Então não desenvolvi muito não, também não procurei desenvolver na escola nada, então...

**MV:** Você tinha alguma idéia do que ia fazer, alguma idéia do futuro?

**JD:** Não, não tinha não. Mas... quando... eu estava... completando... completando uns 15, 16 anos e tal, eles me encaminharam para uma recém-fundada Escola de Agronomia lá em Florestal e eu fui para lá e fiquei fazendo trabalhos que hoje eles chamam de *office-boy*. É... trabalho... pequenos mandados.

**MV :** Mas não ti mandaram para estudar?

**JD:** Para estudar, não.

**MV :** Que coisa, não é?

**JD:** Pequenos mandados, trabalho lá na... usina elétrica... trabalhos na... administração da fazenda e tudo.

**MV:** Você recebia alguma coisa para fazer isso?

**JD:** Nessa ocasião que eu fui para lá, recebia. Eu não sei quanto mais não, mas/

**MV:** /mas já era um tipo de emprego**Erro! Indicador não definido.?**

**JD:** Era, aí já era um tipo de emprego**Erro! Indicador não definido..** Fiquei lá e depois... não sei porque resolvi sair e vim para Belo Horizonte e fui trabalhar de servente de pedreiro.

**MV:** Mas foi decisão sua...?

**JD:** Decisão minha. Fui trabalhar de servente/

**MV:** /porque você estava seguro e em parte você tinha alojamento.

**JD:** //tinha salário.

**MV:** Gente conhecida. Você fez amizades lá?

**JD:** Lá não tinha, nós éramos cinco que foram transferidos para lá.

**MV:** Eram amigos seus? Você considerava seus amigos?

**JD:** Não, não eram amigos, mas nós estávamos no... no Instituto e fomos para lá, pelo menos éramos conhecidos. E tinha um cabo da Polícia Militar que eles mandaram para lá e nos puseram morando em uma casa, nesta casa tinha comida/

**MV:** /lá em Florestal, não é?

**JD:** É. Ia para o trabalho de manhã e voltava de noite para dormir... e quando eu resolvi sair... vir para Belo Horizonte, comecei a trabalhar como servente de pedreiro.

**MV:** Mas assim... é... a ruptura que você fez então, porque você podia ter continuado... ou ter virado funcionário público ou então ter especializado na agricultura. Você nunca pensou em comprar terra e virar agricultor?

**JD:** Não, nunca tive, nunca tive... sempre gostei muito da terra, mas nunca tentei ter terra assim não. Nunca achei que isso era importante não, ser proprietário.

**MV:** Sim, mas mesmo ganhar a vida com os seus conhecimentos não é?

**JD:** É, isso eu pensei muito.

**MV:** Você sabia tudo de roça.

**JD:** Pensei muito mas nunca... não sei se porque a atividade lá na Fazenda Florestal **Erro!**  
**Indicador não definido.** era muito aberta, não era a questão só da agricultura, lá até que problemas de agricultura eu quase que não fiz nada.

**MV:** Nada, não é?

**JD:** Porque fiquei ligado a administração da fazenda, mexendo nos estábulos, fazendo pequenos mandados, na usina elétrica, então acabei...

**MV:** Não era seu mundo, não é?

**JD:** É, então acabei desassociando daquilo, não é? E em uma ocasião resolvi que eu não queria mais ficar lá.

**MV:** E você veio assim para Belo Horizonte, sem endereço, sem...

**JD:** É, mas aí... já tinha físico, já tinha um físico mais avantajado, não é? E já estava pensando por conta própria, não é? Já estava... com 17 anos. Mas as coisas ficaram difíceis... Comecei a não achar emprego **Erro! Indicador não definido.**, quando achava/

**MV:** Você lembra dos primeiros trabalhos que você fez?

**JD:** Lembro, foi mesmo de servente de pedreiro, isso assim sem fichar.

**MV:** Você lembra dos bairros?

**JD:** Olha, era no centro.

**AM:** O senhor morava em pensão?

**JD:** Não. Eu fiquei conhecendo um... inspetor de trânsito na ocasião e falei com ele quem eu era, como é que eu era e tal e tal. Ele foi e falou comigo: - *“Olha, eu tenho um filho mais ou menos... um pouco mais novo que você e tal e tal, se quiser você pode morar lá em casa por enquanto, até você arrumar um lugar”*.

**AM:** As pessoas confiavam muito umas nas outras, não é?

**JD:** Ah! confiavam, é. E... então... fui morar na casa dele e tudo.

**MV:** A cidade... hoje a cidade ela é o lugar um pouco do medo, da desconfiança e do medo, não é?, do medo do outro. Porque parece que era acolhedora, era um lugar//



**JD:** //Mas também não existia...

**MV:** //que coisa não!

**JD:** Não existia essa mentalidade de crimes e de roubo, não existia não. Eu lembro por exemplo que o padeiro ele ia com a carroça pondo os pães na janela...

**MV:** E o pão ficava lá?

**JD:** Não, quando eu passava...

**MV:** Leite também [risos]

**JD:** Não quando eu passava, não é? [risos] Eu lembro que em uma ocasião lá no Prado, ele parava com a carroça lá embaixo na avenida Francisco Sá e subindo as ruas transversais pondo o pão na janela e de vez em quando, eu já estava meio precisado, não é? Então passava lá, via o pão na janela, tirava e um dia quando eu pus a mão no pão, a janela abriu e eu gritei: - “*Padeiro!*” [risos] Aí a dona falou: - “*Mas o padeiro é outro*”. Eu disse: - “*Mas ele falhou*”. [risos]. Aí sumi, naquela rua eu não fui mais.

**MV:** Mas já era pão francês?

**JD:** Era pão francês.

**MV:** Porque não era hábito... no interior, por exemplo, não tem esse pão chamado francês, não é?

**JD:** Não, mas aqui, naquela ocasião, já tinha, não é?

**MV:** Já tinha, com hábito de manhã... toda manhã?

**JD:** Era.

**MV:** Você lembra do tipo de pão que era?

**JD:** Era pão de sal.

**MV:** Mas esse pãozinho pequeno ou ele era maior?

**JD:** Maior, era... não era bisnaga não, era/

**MV:** Redondo, não é?

**JD:** Era mais gordinho. [riso]

**AM:** Com muito miolo, não é, senhor Dazinho?

**MV:** Mas Dazinho, o senhor considera que foi coragem, decisão assim acertada assim...?

**JD:** Não, eu não considero que foi nem coragem, nem decisão acertada. Acho que foi mais quebra cabeça de... de quem não tem juízo, porque deixar o certo pelo duvidoso...

**MV:** Será? Mas foi o que você fez.

**JD:** Pois é, mas eu não sei se foi certo não. O que eu sei é que depois de alguns meses aqui, quebrando cabeça, não achando emprego **Erro! Indicador não definido.** direito e com dificuldades já, não é? Porque o... o Zé Leite que era o tal inspetor de trânsito era um sujeito boníssimo e tal, a mulher muito boa também, mas ela começou a ficar ressentida, não é? Comia, dormia e não dava nada em casa, porque também não estava trabalhando, não estava achando e tal. Então eu tinha um irmão já que trabalhava em Nova Lima, então eu fui lá um dia/

**MV:** /Então já apareceu Nova Lima.

**JD:** É. Então eu fui lá um dia, falei com ele que eu estava em uma situação difícil, se ele podia arrumar um emprego **Erro! Indicador não definido.** lá para mim. Ele falou: - “ *Olha, não está fácil não mas eu vou tentar*”. E arrumou.

**AM:** Era seu irmão?

**JD:** Meu irmão.

**AM:** Mais velho?

**JD:** Era mais velho, era o filho da minha mãe que...

**FIM DO LADO B DA FITA 2**

**C**

Casa de “pau-a-pique, 2

**F**

Fazenda Florestal, 22

**I**

Instituto João Pinheiro, 18,19

**J**

João Pinheiro, 20

**P**

Primeiros empregos em BH, 19; 21; 23; 24

**R**

Remédios caseiros, 5

**S**

servilidade de seu pai como característica cultural, 7